

Por Antonio Penteado Mendonça

A crise afetou a venda de veículos novos, atingindo montadores, muitas outras empresas que giram em torno delas e também as seguradoras!



Ao longo dos últimos anos, a venda de veículos novos caiu para patamares inimagináveis desde a implantação da indústria automobilística no país. A situação é tão ruim que as montadoras operam com menos de 50% da capacidade instalada. O que ajudou a não piorar mais um quadro que estava negro foi a retomada das exportações, em função da desvalorização do real frente ao dólar.

Nunca na nossa história o setor foi tão afetado como nos últimos anos, depois que as mazelas políticas que envergonham o brasileiro vieram a público para somar com os desmandos na economia, arrebatando com o que faltava para jogar a nação no fundo do poço, com a volta da inflação acima de 10%, o desemprego de mais de 14 milhões de trabalhadores, outros 20 milhões de pessoas que nem sequer procuram emprego, o número recorde de falência de empresas de todos os tipos e tamanhos, a quebra do setor imobiliário, a retração brutal das vendas do comércio, etc.

Como se não bastasse, o quadro lamentável que abalou a economia, a corrupção que brota de cada fresta em todos setores da administração pública e a desmoralização quase que absoluta dos integrantes de todos os Poderes e de todos os partidos trouxe mais insegurança para a sociedade.

A queda brutal da venda de veículos novos foi além de atingir as montadoras. O estrago foi muito maior. Dezenas de empresas que giram em torno delas quebraram, não porque fossem incompetentes, mas porque perderam seus compradores. Indústrias de autopeças, prestadores de serviços, fornecedores, atacadistas foram alijados do mercado, aumentando o desemprego, a inadimplência e a quebradeira geral que abalou as cidades mais ricas e com melhor padrão de vida no Brasil.

Entre os setores afetados pela crise das montadoras, não há como deixar de fora as seguradoras. O impacto direto sobre o faturamento de bom número delas, em função da queda das vendas de veículos novos, foi significativo.

A maioria das seguradoras de ramos elementares tem parte importante de seu faturamento gerado pelas apólices de seguros de veículos. Da mesma forma, a maioria dos corretores de seguros tem a espinha dorsal de suas comissões estruturada nos seguros de automóveis.

A queda de 60% na venda de veículos novos atingiu severamente tanto as seguradoras, como os corretores. Não só porque a retração reduziu drasticamente o fluxo de novos seguros de veículos, mas porque, além deles, os seguros de vida, planos de saúde e outros seguros em geral também foram afetados.

Nos últimos meses, houve uma leve reversão no quadro. Os veículos novos começaram a ser vendidos em patamares animadores, nada parecido com os números exuberantes de 5 anos atrás, mas uma leve retomada, indicando fôlego novo para a economia e, conseqüentemente, o aumento das vendas que puxaram a contratação de novos seguros.

Mas quando parecia que a coisa ia, a crise política recrudesceu. Neste momento é cedo para qualquer prognóstico. As incertezas retornaram e com elas o medo de comprar, investir ou gastar dinheiro.

Se Deus for brasileiro, retomaremos a marcha do progresso; se não for, o jeito será esperar mais um bom tempo, antes de comemorar.

Fonte: [O Estado de S. Paulo](#), em 28.06.2017.